

Entretanto, ao dia claro,
 A morta estava a mexer,
 Aquele corpo cansado
 Começara a reviver.
 Veio médico. Auscultou-a,
 Dizendo com alegria
 Que ela somente sofrera,
 Grave catalepsia.
 Desiludido e assustado,
 Téo caiu, em desconforto...
 Dando entrada no hospital,
 O coitado estava morto.

PEDACINHO

Uma queixa descabida,
 Uma fofoca qualquer,
 Seja nascida de homem,
 Seja feita por mulher;
 Uma frase de ironia,
 Uma anedota travessa
 Que ponha o ouvinte aloprado,
 Com minhocas na cabeça;
 Um grito disparatado,
 Um gemido sem razão;
 Uma conversa comprida
 Para dizer “sim” ou “não”;
 Uma resposta infeliz,
 Um gesto de desacato,
 Uma nota de azedume,
 O gosto pelo boato...

Tudo isso é um pedacinho
 Da treva posta em ação,
 Provocando a nossa queda
 Nas tramas da obsessão.

O PRESENTE

Já se fizera mania
 Em Joaquim Serapião...
 Vivia rogando auxílio
 Em toda reunião.
 Na sessão de voz direta,
 Usando calma sem fim,
 A entidade na cabine
 Reconfortava Joaquim.
 O irmão Quintino Elentério,
 Ali materializado,
 Estava sempre disposto
 Para incessante recado.
 A declarar-se doente,
 Embora a mostrar-se forte,
 O moço pedia amparo,
 Guardando o medo da morte.